
Falar De ‘Si’ Como Potência Para Falar De ‘Nós’: O Que Os Rapazes Precisam Aprender¹

Nelson Soutero Coutinho NETO²
Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, PR

RESUMO

O presente trabalho que se apresenta é parte das reflexões da dissertação de mestrado em andamento do autor-pesquisador. Como proposta, será trazido à luz do debate sobre masculinidades o quanto falar de ‘si’ pode ser importante ferramenta para o falar de ‘nós’. Para tanto, apresenta-se três obras autobiografias de sujeitos-autores e para a análise emerge-se as possíveis contribuições de perspectivas interdisciplinares e interseccionais aos Estudos de Gênero, sobretudo, daqueles estudos críticos sobre tornar-se homem e masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografias; Estudos de Gênero; Masculinidades; Literatura

Estudando masculinidades ou estudando poderes?

O problema dos homens e dos masculinos é que por viverem em uma sociedade patriarcal, portanto são eles o centro do sistema, não conseguem ver a si próprios. A hipótese é de que esta deva ser a estrutura lógica que se opera as afirmações sobre a ‘crise das masculinidades’ ou a ‘queda do falo’ que começam a surgir, ainda timidamente, em nossa contemporaneidade seja na academia, nos movimentos sociais feministas ou nas seções de psicanálise, antropologia, psicologia e sociologia das livrarias. Este tensionamento tem como um elemento fundante, o próprio interesse – seja político, seja científico – de um grande e complexo movimento das mulheres dentro e fora das mulheres que se inicia com os Estudos Feministas e de Gênero.

Habitualmente as categorias ‘mulher’ e ‘feminino’ foram tratadas, e talvez ainda na atualidade sejam, como categorias misteriosas que precisam de uma certa iluminação à descoberta e compreensão das relações de poderes entre os sexos. Com tal desenvolvimento e, em algum aspecto a emancipação, do Estudos de Gênero tencionando

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos e pós-graduado lato sensu em Direitos Humanos na América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, PR, e-mail: nelsonscneto@gmail.com.

o debate em torno das (micro e macro) relações de poderes entre ‘homens’ e ‘mulheres’, entretanto e a ‘(hiper)problematização’ do tornar-se mulher tendeu o tornar-se homem, como aponta Sampaio e Garcia (2010, p. 82), “a ser compreendido como sendo mais simples e menos misterioso, apresentando um processo de constituição subjetiva teoricamente menos engenhoso”. Neste sentido, o presente trabalho não pretende traçar uma historicidade sobre os Estudos de Gênero e suas transformações de pensamento no percorrer desta história, mas trazer ao debate as categorias homem e masculino como categorias também necessárias para uma contribuição ainda mais profunda aos Estudos de Gênero.

Se se torna mulher, assim como torna-se homem, este trabalho também se torna algo. Pode-se, portanto, dizer que esta pesquisa é interseccional por não considerar uma construção universal sobre os sentidos do que é ser ‘homem’ e do que é ser ‘masculino’, portanto revela-se a perspectiva de que outras categorias fundantes que atravessam as construções do sujeito social como raça/etnia e classe. Não obstante, a presente pesquisa torna-se interdisciplinar por considerar a etnobiografia como um suporte adequado para análise proposta pelo autor, mas também por considerar que, para além da metodologia antropológica, olhares dos Estudos de Gênero e do próprio acúmulo de conhecimento do campo da psicanálise podem colaborar para uma reflexão mais rica e singular sobre as construções para tornar-se homem e masculino.

O pouco espaço que temos não nos dá margem para trazer uma historicidade³ mais profunda desses estudos, tampouco sobre os, ainda escassos, estudos em torno das masculinidades, entretanto, é possível resgatar rapidamente importantes nomes que se dedicaram à esta temática dos estudos sobre masculinidades.

George Bateson (1965) analisava a construção da feminilidade e da masculinidade numa aldeia da Nova Guiné com o povo Iatmul. Malinowski (1967) em ‘La sexualité et sa répression dans les sociétés primitive’ tratou a questão que configura homens e mulheres como sujeitos de gênero. Joseph H. Pleck (1981) em ‘The Myth of Masculinity’, analisou os homens considerando o caráter relacional das noções de gênero, com foco na masculinidade. Connell (1987) publicou ‘Gender and Power’, e explicou seus conceitos

³ Como dito, não existe um propósito de traçar uma historicidade linear e cronológica neste artigo, foram deixados de lado muitos outros autores de fora desse traçado. Sem demérito a eles. O foco deste trabalho está na potência das narrativas de vida.

de masculinidade hegemônica e feminilidade enfatizada. Michael Kimmel (1987) com ‘Changing Men - New directions in research on men and masculinity’, trouxe discussões no meio acadêmico ao apontar a necessidade de repensar o estudo das masculinidades. Até que Jeff Hearn (1997) critica o termo ‘Men’s Studies’ por acreditar ser um termo impreciso e politicamente perigoso, além de que transmitia a ideia que eram estudos equivalentes aos “women’s studies”, assim o autor colocou como propositura o ‘Critical Studies on Men’ unindo os estudos críticos sobre homens, podendo ser feitos por homens ou mulheres, e que problematizam o conceito de homem, os seus processos, construções e a epistemologia de tal estudo. Até que Victor Seidler (2009) publica ‘Recreating sexual politics: men, feminism and politics’, livro no qual via a masculinidade como expressão de uma independência e autossuficiência masculina.

Ainda há muito para explorar neste campo que, por vezes, aparece como sendo uma proposta de instaurar uma crise sobre a masculinidade, mas:

Nesse sentido, podemos pensar que, em vez de instaurar uma crise no universo da masculinidade, o momento atual pode ser especialmente profícuo por abrir novas possibilidades de se reinventar o dito “sexo forte”. O movimento de questionamento dos estereótipos da virilidade clássica pode ser, então, particularmente válido por abrir aos homens novos meios para a constituição de uma existência singular e para a emergência de uma subjetividade mais criativa. O abandono do esforço diário para se auto afirmar como viril, que tão marcadamente caracterizou o cotidiano dos sujeitos de sexo masculino, pode favorecer o deslocamento dessa energia para o campo da afetividade e possibilitar a maior exploração de funções antes menos valorizadas pelos homens, como a paternidade. Desse modo, o momento contemporâneo pode ser benéfico para os homens por permitir-lhe uma reinvenção mais livre dos estereótipos de gênero aprisionadores por tanto tempo propagados pelas sociedades ocidentais (SAMPAIO et GARCIA, 2010, p. 98).

Ainda é preciso trazer à luz desta reflexão duas perspectivas importantes a serem tomadas entre os pesquisadores que se propõem debater não só as temáticas de gênero e sexualidade, mas também para também para os estudos de masculinidades e outras áreas das ciências:

1. Que os homens parem de pensar em si mesmos como os únicos do mundo, que eles aceitem considerar as mulheres e o que elas vivem e escrevem como um dos componentes do social, e não como uma especificidade do geral, do normal que supostamente só eles representariam. A literatura feminista é hoje acessível a todos e todas. Quantos sociólogos leem e absorvem o sentido desses textos?

2. que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, de não querer trair os segredos que eles partilham, enfim, que os pesquisadores comecem a se interessar pelo seu gênero. Gênero masculino que, como mostraram muitas sociólogas e historiadoras, não constitui sem dúvida a totalidade do mundo, embora represente um dos componentes das relações sociais de sexo. E nos poucos escritos contemporâneos da parte dos homens, muitas vezes precursores da análise crítica dos gêneros, encontra-se em grande quantidade de textos que evocam o sentimento de “traição” dos pares. (Welzer-Lang, 2004, p.112)

Para melhor compreensão, enquanto os estudos em torno das masculinidades ainda têm muito para serem explorados, de acordo com o banco de teses e dissertações da CAPES⁴ existem apenas 485 registros de estudos. Em contrapartida, os registros sobre estudos feministas alcançam 215.248 registros.

O que percebe-se é que para além de estar na arena dos debates as percepções e as construções das masculinidades está sendo debatido também como se articulam e são constituídos as próprias relações de poderes não só entre os gêneros postos enquanto oposição / complemento, mas também as relações de poderes também dentro destas categorias. Masculino e feminino não operariam necessariamente como forças opositoras, ou como elementos que se retroalimentam – como complementares, tampouco características pertencentes à um corpo específico, cada uma. Ou seja, masculino e feminino podem fluir ambas no mesmo corpo a partir do seu modo de ser, pois são categorias de relações de poderes.

Ainda vivemos em tempos onde pairam ideias hegemônicas, mesmo que se começa a dar pequenos e lentos passos à interdisciplinaridade e interseccionalidade, sobre a ideia de sujeito, suas percepções e construções enquanto indivíduos. Ainda não são raras pesquisas, artigos, teses em que o pensamento ainda é conjugado no singular: o negro, a negra, a homossexualidade, a transexualidade, a classe trabalhadora, etc. O que se percebe, cada vez mais, é que dentro de cada categoria existem um vasto conjunto de tantas outras categorias em que o próprio conceito de categoria, enquanto identidade, acaba por diluir-se.

É preciso dizer mais, o masculino e o feminino (estes hegemônicos) aparecem como essências de apenas dois tipos específicos de corpos biológicos com fenótipos específicos

⁴ Os dados podem ser acessados no portal: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br>> a partir da busca pelas seguintes categorias: Estudos Feministas e Masculinidades.

e cromossomos específicos XX e XY. Não é desconhecido, mas escondido por muitos interesses, que existem outros tantos tipos de corpos-genitais no mundo. Sujeitos que nascem com os dois órgãos genitais, ou com órgão genital e sequência cromossômica que se contrapõem, “é mais fácil cavar um buraco do que erguer um poste”, como denunciou o intersexo Alex Bencke (2016) durante uma mesa de debate na II Conferência Internacional SSEX BBOX & Mix Brasil.

Dito isso, qual então o papel das Ciências da Comunicação, dentro de uma perspectiva interdisciplinar e interseccional quando vivemos em uma sociedade da informação, portanto, a experiência da vida está diretamente transpassada pelas novas tecnologias de comunicação e que muito provavelmente possibilitou, ainda de modo bastante recente, um contato maior com as multipluralidades de identidades, sujeitos, poderes e subalternidades, resistências e existências, possibilidades e becos sem saídas que antes a própria ciência operada em seu conceito ocidental fechada dentro das universidades não tiveram o privilégio de perceber. Quando se acredita que chegou à uma fronteira, percebe-se que está ainda mais longe dela. E é preciso atentar-se para outras questões, de qual lugar partem estes estudos? Estudamos masculinidades desde qual lugar? Se universidade ocidental é substantivo feminino, não pode negar que ela historicamente foi construída justamente sob este vazio masculino que precisa se auto referenciar para ser / existir.

Para deixar ainda mais nítido esta reflexão sobre masculinidades, vejamos a definição desta categoria de gênero e sexualidade apontado pelo Dicionário da Crítica Feminista:

Masculinidade é, então, o termo que cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o gênero e a sexualidade, se reporta a significados culturais da «pessoa», que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos «homens», são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, ao nível etnográfico, expressões como “mulher masculina”, “gestos masculinos”, “valores masculinos”, “símbolos masculinos”, etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos. (ALMEIRA, 2015, p.123)

Falar de ‘si’ como potência de falar de ‘nós’ ou um estudo entre autobiografias

Como é possível ser apreciado, o labor sobre este debate se constrói a partir de uma complexa caixa de ferramentas para a ampliação reflexiva sobre as construções desses homens e masculinidades. A etnobiografia apresenta-se, neste contexto, como uma chave

de fenda útil ao problematizar o pensamento sociológico clássico entre o individual e o coletivo, o sujeito e o a cultura. Desse modo, a questão primeira que se apresenta ao dar luz uma obra biográfica é: ao falar de ‘si’, nosso autobiógrafo também fala de ‘nós’? Este trabalho caminha por um sentido de compreender que:

o conceito de indivíduo que se opera [...] não parece ser uma percepção estrita da fórmula durkheimiana, em que o indivíduo se opõe à sociedade e à cultura. Pelo contrário, pensa o indivíduo enquanto potência de individuação que, acionada a partir da chave de uma relação entre pesquisador e pesquisa, produz uma relação entre sujeitos. É neste sentido que emerge a conceituação de etnobiografia que parece dar conta deste tratamento do sujeito, do indivíduo e da cultura” (GONÇALVES, 2012, p. 29-30)

Desse modo, a etnobiografia torna-se um dos principais eixos de condução entre as obras autobiográficas para as análises. Ainda sobre os sujeitos, é interessante perceber que quando se fala de si próprio se está desempenhando um papel implícito:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente, solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 2008, p.25)

Percebe-se então que mesmo que a referência de masculinidade, ou de qualquer outra categoria geral, possa ser uma categoria universalizantes que caminha para o hegemônico, existe uma relação plural em como estas interações se dão:

A relação da pluralidade de pessoas com a pessoa singular a que chamamos “indivíduo”, bem como da pessoa singular com a pluralidade, não é nada clara em nossos dias. Mas é frequente não nos darmos conta disso, e menos ainda do porquê. Disponho de conceitos de “indivíduo” e “sociedade”, entidade existindo em completo isolamento, enquanto enganosas. A sociedade é entendida, quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais, quer como objeto que existe para além dos indivíduos e não é passível de maior explicação. (ELIAS, 1994, p.7)

Mas o que significa relatar a própria vida? A filósofa Judith Butler (2015) colabora a este debate trazendo a questão de que ‘eu’ não se opera em uma totalidade histórica própria como o único autor de si, mas também ao contar de si este “eu” conta a história de um conjunto de relações para com um conjunto de normas. Além disso: “[...] há uma estética da enunciação, que se abre a algo de novo e permite emergir a potência do sujeito e o sujeito em sua potencialidade” (BUTLER, 2015, p. 199). Esta estética da enunciação pode

nos revelar como se dão construções particulares atravessadas pelas mais diferentes relações, assim que se situa este trabalho.

Quando trazemos autobiografias para o debate trazemos uma intensa individualização dos sujeitos das relações de poderes, dado uma intensa possibilidade de extrações relacionadas as condições de raça, classe, gênero e sexualidade destes autores. Além de oportunizar os contratos das subjetividades entre as obras podendo, inclusive nos trazer como se inserem nas mais diversas lutas, sofrimentos e conflitos, assim moldando a etnobiografia “como produto de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação” (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p.23).

O que difere este trabalho de uma possível ‘tradicional’ etnobiografia está no movimento de não encontrar homens em diferentes trajetórias e entrevista-los no sentido de buscar uma história comum sobre suas masculinidades, mas ir de encontro justamente de obras autobiográficas publicadas e analisa-las. Por este motivo a interdisciplinaridade entre Antropologia, Comunicação, Literatura Comparada, Psicologia e Psicanálise.

Assim, ao nos dedicar em extrair das narrativas de si torna-se possível uma frutífera análise entorno das convergências e das diferenças justamente daquilo que estamos categorizando enquanto homem e masculino.

Quem são eles que falam de ‘si’ próprios?

Ainda não foi apresentado quais são nossas obras autobiografadas, portanto, nossos autobiógrafos. Chegamos ao momento de apresenta-los.

A presente pesquisa tem como proposta de análise as seguintes três obras autobiográficas: “Eu”, de Ricky Martin (2010); “Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois”, de João W. Nery (2011); e “Na Minha Pele”, de Lázaro Ramos (2017).

Para aqueles e aquelas que não conhecem estes três sujeitos, os apresento. Ricky Martin é porto-riquenho, homossexual masculino e cisgênero. Durante a década de 1990 ficou mundial reconhecido como o símbolo sexual de homem hegemônico, enquanto membro de uma banda musical latino-americana chamada Menudos, até que no início do século

XXI ele declarou ser gay. João W. Nery é um homem transexual, heterossexual e psicólogo. Ele é reconhecido como um dos primeiros brasileiros homens transexuais a passar por processos cirúrgicos de transexualização. Já Lázaro Ramos é um ator negro brasileiro, heterossexual e cisgênero, entre seus trabalhos está por ter sido o primeiro galã negro da teledramaturgia brasileira.

Como exposto por Butler, o que segue é uma série de excertos de cada um destes autobiógrafos que vão trazer um sentido de corpo a partir de suas singularidades. Partimos com João W. Nery:

Transformei-me literalmente num marginal, pois vivia à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo majoritário heterossexual e aceito, nem a qualquer grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias "inventadas" em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente me enquadrava?. [...] Quando sentia medo, pelo menos pressupunha um objeto, uma ameaça, algo que eu pudesse de algum modo contornar ou dele fugir. Porém, nessa angústia nada me ameaçava claramente. Não havia um objeto a ser enfrentado para prosseguir minha estranha caminhada existencial. Percebi, então, que o "sem sentido" e o "sem valor" da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir" (NERY, 2011. p. 45)

Enquanto a principal questão de João, enquanto homem transexual heterossexual está ligada em não compreender de onde surgem suas ameaças, Rick Martin nos apresenta outra relação entre sua masculinidade e homossexual:

[...] o problema não eram tanto os rumores sobre minha sexualidade. O problema real era eu mesmo não saber como me sentia sobre o assunto. Apesar de ter tido relacionamentos com homem depois de me separar do meu primeiro amor, ainda não estava pronto para me aceitar como gay. Meu momento ainda não havia chegado, e, apesar de todos sabermos agora que os rumores se baseavam na verdade, na minha cabeça, ainda não era um fato. Era um assunto que constantemente eu precisava enfrentar e me causava muito sofrimento e ansiedade. Toda vez que alguém escrevia em uma matéria que eu era um homossexual, cada vez que me perguntavam isso em uma entrevista - e não muito sutilmente -, eu me afastava ainda mais da minha verdade. Os rumores e as perguntas só aumentavam minha insegurança e minha autorrejeição; eles me faziam lembrar todos os motivos pelos quais não me sentia bem comigo mesmo. Às vezes, sentia que me odiava. Como isso era apresentado sempre sob um ângulo tão negativo, como uma coisa escandalosa e ruim, meu desejo de negar meus sentimentos era reforçado. E como naquele momento eu estava longe de estar pronto para me assumir, o único resultado era que tudo me causava uma enorme dose de sofrimento. (MARTIN, 2010. p.148)

Diferente de Ricky Martin e João Nery, o ator Lázaro Ramos apresenta outra singularidade masculina enquanto homem negro:

Meu corpo vivia numa dúvida de até onde poderia ir. Eu pensava sempre em como meu corpo devia ocupar os espaços. Eu me sentia dono dele, pela forma como a minha família me tratava, e sabia que eu mesmo poderia definir meus limites, mas o mundo começava a me dar sinais de que talvez não fosse simples assim." (RAMOS, 2017. p. 36).

Muitas vezes o racismo faz com que a gente não trilhe nosso caminho e comece a pautar nossas ações pela demanda do preconceito. Às vezes não seguimos adiante porque paramos nos limites impostos pela sociedade, e nós temos que caminhar mais, temos que entender a complexidade das coisas, das pessoas, temos que ter liberdade. Até onde isso é uma ação ou uma resposta ao preconceito? Estou buscando a liberdade ou respondendo aos limites que o racismo me impõe. Quero crer que escolhi uma maneira de não viver pela demanda do racismo. Ao não aceitar caixas que seriam mais facilmente adaptáveis, busco a libertação. (p. 102).

Ao comparar estes trechos percebemos que, embora estejamos trazendo à luz do debate homens, eles estão apresentando questões estruturalmente marcadas de fragilidades não constituídas dentro de uma masculinidade hegemônica materializada pelo ‘homem-branco-heterossexual-cisgênero’.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Continuamos dentro da categoria de homem e masculinidade, porém não mais no singular, e sim em uma representação plural sobre homens e masculinos que atravessa estes corpos estéticos.

Neste sentido, se faz a importância de uma reflexão interseccional sobre as masculinidades. E interseccional, aqui, é entendido a partir do que Crenshaw (2004, p.8) nos traz como potencialidade para servir como encontros para a compreensão de diversas formas de discriminação entre gênero, raça e classe.

Estas tessituras oportunizam o contraste das histórias mostrando, a partir da individualização dos sujeitos, a pluralidade de percepções de masculinidades e das construções do tornar-se homem.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. São Paulo: Autêntica, 2015.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Abril, 2013. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>> Acessado em 2 de Jun 2018.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. São Paulo: Zahar, 1994.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: vozes, Ed.15, 2008.

GONÇALVES, M. A. **Etnobiografia**: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 19-42.

GONÇALVES, M. A. Etnobiografia: Biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, M. A; MARQUES, R; CARDOSO, V. Z. (Orgs.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012

MARTIN, R. **Eu**. São Paulo: Planeta, 2015.

RAMOS, L. **Na Minha Pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUSA SAMPAIO, R.; AMORIM GARCIA, C. **Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero**. Psicologia em Revista, v. 16, n. 1, p. 81-102, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100007> Acessado em 10 de mai. de 2018.

VALE DE ALMEIDA, M. **Masculinidade**. Verbete no Dicionário da Crítica Feminista. In: MACEDO, A. G et AMARAL, L. A. (Org.) Porto: Afrontamento, 2005. p. 122-123.

W. NEY, J. **Viagem Solitária - Memórias de um transexual 30 anos depois**. São Paulo: Casa da Palavra, 2011.

WELZER-LANG, D. **Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 107-128.